

# Manchete

Uma pesquisa polêmica

## O BRASILEIRO É BISSEXUAL? MEDICINA UMA PÍLULA CONTRA A MENOPAUSA DO HOMEM



**BRASIL**  
**O VÔLEI**  
**DE OURO**  
emoção da vitória • Os novos  
os • Magic Johnson exclusivo  
S: UM POSTER DOS CAMPEÕES

uma publicação  
**bloch**  
Cr\$ 15.000,00

**BAUBÁ**  
MEMÓRIA & LOST

UMA PUBLICAÇÃO DE BLOCH EDITORES S.A.

RUA DO RUSSELL, 804 — RIO DE JANEIRO — RJ — CEP 22.210

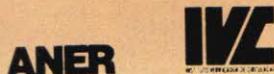
**BLOCH EDITORES S.A.**

**Diretoria:**  
 ADOLPHO BLOCH  
 OSCAR BLOCH SIGELMANN  
 PEDRO JACK KAPPELLER

**Diretores:**  
 ARNALDO NISKIER  
 ISAAC EDUARDO HAZAN  
 PAULO PELLICANO  
 ZEVI GHIVELDER  
 LEONARDO BLOCH  
 JIRI BILLER  
 OSIAS WURMAN  
**Diretor Responsável:**  
 MURILO MELO FILHO

DIRETOR-EDITOR: Roberto Muggiati. DIRETOR: Zevi Ghivelder. EDITORES-ASSISTENTES: Helio Carneiro e José Esmeraldo Gonçalves. REDATORES: Carlos Heitor Cony, Ney Bianchi, George Gurjan, Lorem Falção e Beatriz Horta. REPORTERES: Maria Helena Malta (Chefe), José Rodolpho Câmara, Deborah Berman, Tarlis Batista, Lúcia Rego, Ana Gaio (Rio), Celso Arnaldo Araujo, Durval Ferreira, Mauro Silveira, Nancy Campos, Gilberto Ungaretti (São Paulo), Fernando Pinto e Marcus Achilles (Brasília). PESQUISA: Paulo Roberto Vieira. COLABORADORES: Carlos Chagas, Pedro Bloch e Josué Montello. ARTE: Wilson Passos, Nelson Gonçalves e J. A. Barros. FOTOGRAFOS: Sérgio de Souza, Nilton Ricardo, Raul Taulle, Aurélio Rodrigues, Solano Goldfarb, Henrique Viard, Masaomi Mochizuki, Fernando Cussate (RJ), Vic Parisi, Ruy de Campos, Dripides Ribeiro (SP), Gervásio Baptista, Zinda Perru (DF). PRODUÇÃO: Carlos Afonso de Lima e Celio Fernandes. DEPARTAMENTO COMERCIAL: David Klajmic. PUBLICIDADE: Roberto Antunes. PROJETOS ESPECIAIS: Fernando Câmara Cascudo. ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E CIRCULAÇÃO: Rua do Russell, 804. Tels.: 555-4000 e 285-0033. Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 — Lucas. Tel.: 391-8000 — Rio de Janeiro. Telex: (021) 22751. BRASÍLIA: Roberto Wagner Monteiro, Setor de Industrias Gráficas, Quadra 1, Lote 939. Tel.: 321-5411. Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: **Diretores:** Pedro Jack Kappeller e Salomão Schwartzman. Av. Professora Ida Kolb, 551, Casa Verde — CEP 02518. Tel.: (011) 856-4122. Telex: (011) 23684. MINAS GERAIS: Lucio Portella, Av. Afonso Pena, 1.500 — 16.º andar. Tel.: 273-3900 — Belo Horizonte. Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Junior, Rua Otávio Rocha, 115 — 18.º andar. Tels.: (051) 224-4744 e 225-4972 — Porto Alegre. Telex: (051) 1042. PERNAMBUCO: Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º ands. Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife. Telex: (081) 1084. CEARÁ: Augusto César Benevides, Av. Antônio Sales, 2.666 — Aldeota. Tel.: 244-9066. Telex: (085) 1865 — Fortaleza. BAHIA: Av. Tancredo Neves, 148, Centro Empresarial Iguatemi, Bloco A — Salas 202 e 203. Pituba — Tel.: (071) 358-6055. Salvador — Telex: (071) 1214. PARANÁ: Rua Mai. Deodoro, 211 — 8.º andar, conj. 806. Tel.: 224-8263 — Curitiba. Telex: (041) 5202. NOVA IORQUE: Arnaldo Dines — 37, Carmine Street — Suite 308 — New York, NY 10014 — Tel.: (212) 206-8256 — PARIS: Arnaldo Bloch — 67, Boulevard Richard Lenoir — 75011 — Tel.: (00331) 4338-6461 — França. MILÃO: Daisy Benvenuti, Via del Bollo, 3, Milano, 20121 — Tel.: 87-4007 — Itália. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Manchete Ltda., Rua Frei Caneca, 511. Tel.: 293-8122 — CEP 20211 — Rio de Janeiro.

Manchete is published weekly by Bloch Editores S.A. — Rua do Russell, 804, Rio de Janeiro, RJ, Brazil, CEP 22210. Distributed in the U.S.A. by Coisa Nossa, Inc. Second class postage paid at New York, N.Y. Postmaster: Send address changes to Manchete — c/o Coisa Nossa, Inc. 46 West 46th Street, New York, N.Y., 10036. Yearly subscription US\$ 324.00, single copy US\$ 4.50. For inquiries, call Coisa Nossa at (1800) 331-2931.



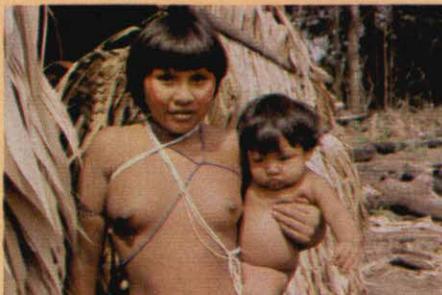
**Manchete**



**ANOS DE SUCESSO**

**SUMÁRIO**

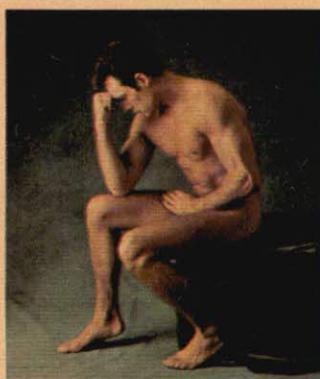
atualidades	internacional
Olimpiada-92/Os Novos Heróis ..... 4	Elvis Presley Está Vivo ..... 38
Os <i>Podres Poderes</i> de Brejnev e Gorbachev ..... 20	O Mundo Aventureiro dos Piratas ..... 45
Jorge Bornhausen/Exclusivo ..... 88	O Divórcio de Mick Jagger ..... 52
Bush Caça Votos no Kuwait ..... 92	Paris/O Choque e o <i>Chic</i> ..... 62
Os Campos de Concentração da Bósnia ..... 94	Os Tesouros Reais de Portugal ..... 78
reportagens	seções
Yanomami/Que País É Este ..... 28	Jornal Olímpico ..... 19
A Pílula da Andropausa ..... 36	Fax ..... 50
O Brasileiro É Bissexual? ..... 54	Leitor ..... 59
Gil Gomes/"Sou um Don Quixote" ..... 70	Top ..... 60
Os Advogados da Crise ..... 80	Mix ..... 68
Rogério Magri/O Operário Volta do Paraíso ..... 90	Expressas ..... 74
	Bip ..... 75
	Economia ..... 76
	Posto de Escuta ..... 87



**28** Yanomami: que país é este. **MANCHETE** percorre as belezas e os dramas da maior reserva indígena do mundo.



**38** Quinze anos depois da morte de Elvis, as perguntas que não querem calar. Um livro pesquisa a verdade.



**36** Uma pílula contra a menopausa do homem: o novo antídoto da crise hormonal masculina.



**45** Viagem ao mundo dos piratas: uma incursão ao covil dos reis dos sete mares.



**94** As imagens que estarrecem o mundo. Em meio à violência da guerra na Bósnia, o horror dos campos de concentração.

CAPA: OLIMPIADA-92/O VÔLEI DE OURO ● Foto: Sérgio de Souza/Enviado Especial

Foi uma campanha perfeita, a do nosso *dream team*. Em oito jogos, o Brasil só perdeu três sets, chegando invicto à medalha. E o país inteiro vibrou com os heróis de Barcelona. Pena que a maioria deles vá jogar seu vôlei em outra praia. Pena que o Brasil não aplique a mesma garra e organização na luta contra os seus problemas sociais. Mas isto já é outra história. Curta o ouro do nosso vôlei na cobertura completa das Olimpíadas por nossos enviados especiais Ney Bianchi e Sérgio de Souza. De Barcelona para a selva amazônica: a repórter Deborah Berman e a fotógrafa Cristina

Hirtsch investigam o país Yanomami. Nas *Viagens Imaginárias*, você percorre esta semana *O Mundo Aventureiro dos Piratas*. Exclusividade mundial: o dossiê secreto do General Medvedev, chefe de segurança de Brejnev e Gorbachev, que revela os *podres poderes* da Nomenklatura. Ainda nesta edição, uma pesquisa sobre a bissexualidade do brasileiro e um informe científico que anuncia uma pílula contra a *menopausa* do homem. Aconteceu, virou **MANCHETE**.

**Roberto Muggiati**

● Os pedidos de números atrasados só serão atendidos mediante pagamento antecipado. Envie um cheque nominal ou vale postal a Bloch Editores S.A., Rua do Russell, 766 — CEP 22.210 — Rio de Janeiro (RJ). Nos números atrasados, o valor de cada exemplar será correspondente ao preço da edição em circulação nas bancas.

MANCHETE tem direitos exclusivos no Brasil dos serviços **TIME** e **MATCH**



Uma tese explosiva atinge o alvo do machão verde-amarelo



COMPORTAMENTO

# O BRASILEIRO É, ANTES DE TUDO, UM BISEXUAL?

O número de homens brasileiros com comportamento bissexual é muito maior do que pode ser demonstrado em qualquer projeção estatística. Pelo menos, esta é a tese do antropólogo ameri-

cano Richard G. Parker, que estuda a sexualidade dos brasileiros há dez anos e levantou, em pesquisas de campo e surpreendentes testemunhos, que todos os homens, pelo menos uma vez na vida, tiveram fantasias secretas a respeito de uma experiência homossexual. A ex-prostituta Gabriela Silva Leite, autora de *Eu, Mulher da Vida*, não concorda com isto, mas diz que a incidência do bissexualismo é mesmo enorme. E o sexólogo Marcos Ribeiro, autor de *Sexo sem Mistério*, é taxativo: "O homem brasileiro é eminentemente bissexual."





# O HOMEM QUE FAZ O PAPEL DE ATIVO NO SEXO NÃO SE CONSIDERA BISSEXUAL. E ABRE CAMINHO PARA A AIDS

Entre os mais de 25 mil casos de AIDS notificados até agora no Brasil — números que colocam o país no segundo posto mundial de portadores do vírus —, cientistas e estudiosos têm percebido uma grande mudança qualitativa nos principais grupos atingidos pela doença: apesar de os homossexuais masculinos ainda se manterem no topo das estatísticas, cresce cada vez mais o número de casos de mulheres heterossexuais, como donas de casa, contaminadas por maridos ou namorados. Tirando-se o contingente de viciados em drogas injetáveis, expostos ao contágio através das seringas compartilhadas, o que aparece é a ponta de um verdadeiro *iceberg*, ainda oculto sob as águas turvas do preconceito. O número de homens brasileiros com comportamento bissexual é muito maior do que qualquer projeção científica.

Um dos grandes defensores dessa tese é o antropólogo americano Richard G. Parker, radicado no Brasil há cinco anos e estudioso da AIDS e da sexualidade brasileira há dez. Ele diz que é impossível determinar o número exato de pessoas que seguem, abertamente ou não, a orientação bissexual no amor. "Certamente, não são todas as pessoas, não existe uma porcentagem nem dados confiáveis. Só se pode fazer uma estimativa, sobre impressões pessoais, mas a incidência de bissexualismo na sociedade brasileira é bem maior do que imaginamos", afirma.

A explicação para essa situação, segundo Richard, está na lógica que norteia a cultura sexual enraizada no inconsciente popular, que divide os papéis da relação amorosa — tanto entre indivíduos de sexos diferentes, como do mesmo — entre *ativo* e *passivo*, uma forma machista e preconceituosa. O homem — *ativo, dominador e agressivo* — no ato sexual com uma mulher, quando mantém esse papel com outro homem, não se considera bissexual ou desviante da atividade masculina, ligada ao ato da penetração. "A cultura abre espaço para esse comportamento, que não é problematizado", diz Ri-

chard, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). E adverte: "O problema é que a porta está aberta também para o vírus da AIDS."

O antropólogo acredita que todo homem, pelo menos uma vez na vida, já teve desejos ou fantasias secretas a respeito de uma experiência homossexual. Não existe, no entanto, uma ligação automática entre isso e um comportamento bissexual na prática ou mesmo uma identidade assumida. "É muito complicado. Os parâmetros definidos para qualificar um homem como bissexual, no caso da AIDS, vêm da reincidência nesse tipo de relação, num período recente de tempo (seis meses). Não se pode chamar de bissexual um indivíduo de 50 anos que aos 15 teve uma experiência", diz Richard.

Mas o maior perigo, segundo ele, é a falta de conscientização e prevenção contra os riscos envolvidos nessa relação. Muitos homens escondem para si mesmos a inclinação ou prática bissexual e não se reconhecem como membros do grupo, como explica Richard: "Eles acham que a AIDS é coisa de homossexual, de drogado, 'não tem nada a ver comigo' e não tomam cuidado com o vírus." Quem mais perde com isso são as parceiras desses homens, quase sempre inconscientes do comportamento de seus maridos ou amantes. "Elas estão numa posição desfavorável e crítica, não têm como se defender." Richard aponta uma pesquisa, segundo a qual os homens bissexuais usam mais os preservativos com pessoas do mesmo sexo do que com as mulheres. Para piorar, a camisinha está ligada, no imaginário popular, a doença, e levanta suspeitas sobre quem sugere seu uso.

Provocar uma caça às bruxas não é um dos objetivos de Richard Parker com sua tese polêmica. Segundo ele, os bissexuais não são os vilões da história e dividem as culpas com todos: "Não adianta culpar ninguém. Todos os atores do jogo social estão presos à lógica cultural, são vítimas da discriminação e do preconceito que limitam a capacidade de se prevenir e aos outros", garante.

Gabriela Silva Leite, 41 anos, paulista da capital, tem muito o que opinar sobre esse assunto. Nascida Otília, em uma família classe média, ela trocou essa vida pela prostituição, onde permaneceu por dez anos. Defensora dos direitos das *mulheres da vida* e uma das criadoras do jornal alternativo *Beijo da Rua*, ela faz palestras desde 1982 e há sete anos é coordena-

Fernando Cussate • Produção: Helviski, com modelos profissionais



dora da área de Marginalidade e Auto-Estima do Instituto de Estudos da Religião (Iser). Recentemente, Gabriela da Silva Leite lançou o livro biográfico *Eu, Mulher da Vida*, contando sua passagem pelo meretrício. Gabriela acompanha o trabalho de Richard Parker e concorda, em parte, com as conclusões do estudioso. "Acho exagerada a afirmação de que todo homem

## SHERE HITE

● As questões ligadas ao bissexualismo não são uma exclusividade do universo masculino — o sexo frágil também ama (e sofre) da mesma maneira. Pelo menos é o que mostra um dos mais importantes estudos sobre a sexualidade feminina, o Relatório Hite, escrito pela historiadora cultural e pesquisadora americana Shere Hite, no terceiro volume, *As Mulheres e o Amor*. Baseado em entrevistas com cerca de 4,5 mil mulheres, de todas as idades e classes sociais, o livro dedica dois capítulos ao assunto e analisa, entre outros temas, o lesbianismo, a descoberta da sexualidade e a divisão de papéis sexuais nas relações homo e heterossexuais. Nos Estados Unidos, a julgar pelos resultados da pesquisa, assumir um comportamento ou identidade bissexual significa enfrentar barreiras e preconceitos, mesmo internos, bem semelhantes aos do Brasil. Segundo o relatório, "quase todas as mulheres, com menos de 25 anos, que o fizeram recentemente, sentem-se bem em relação às suas vidas, mas



homo e heterossexual, mas na força das fantasias: "Os desejos têm momentos. Quem bota a mão no fogo pela sexualidade de cada um? Quem nunca sentiu desejo pelo mesmo sexo?", questiona. Aquele que não tiver pecado... Para Gabriela, não existem mais grupos de risco, como comprovam os altos números de mulheres contaminadas. O maior perigo, cada vez mais evidente, é o comportamento de risco.

“**A** grande questão”, conclui, “é que a AIDS colocou na balança questões difíceis para os ocidentais, como monogamia, sexualidade e morte. O machismo é muito forte, suplanta tudo, e o *machão* homossexual não assume essa postura para a sociedade, onde prevalece a hipocrisia. Mas o simples pensamento não tira o risco concreto de se contaminar e a outras pessoas”. Para a ex-prostituta, que está inaugurando a Organização Não-Governamental (ONG) Da Vida (prostituição, direitos civis e saúde), para cuidar das questões dos *trabalhadores sexuais* — prostitutas, travestis e outros o problema é o seguinte: “Toda forma de amor vale a pena, mas você tem que se cuidar para cada uma delas.”

**Acariciar a moça, desejar o rapaz: atitude mais comum do que se pensava entre os brasileiros, segundo os estudos mais recentes.**

Outro interessado nas opiniões de Richard Parker é o sexólogo e professor Marcos Ribeiro, 29 anos, autor de vários livros sobre sexualidade, entre eles *Sexo sem Mistério*, da Editora Rosa dos Tempos, no qual um dos assuntos tratados é o homossexualismo e o comportamento *bi*.

é bissexual. Como qualquer *brazilianista*, ele chega a certas conclusões exageradas sobre os brasileiros. Mas é um fato que a maioria dos homens, daqui e de outros países, transa o mesmo sexo”, diz.

Essa característica ela atribui não à cultura brasileira, mas à moral ocidental, supostamente importada da Europa e dos Estados Unidos. A fantasia, segundo Gabri-

ela, é ilimitada. Como prova de suas teorias, ela aponta o intenso movimento em pontos de *trottoir* de travestis, à noite, no centro do Rio de Janeiro. “São homens *de bem* que procuram esses profissionais que, apesar da figura de mulher, quase sempre desempenham o papel *ativo* na relação”, afirma.

Na verdade, ela pessoalmente não acredita na separação entre

## BISSEXUALIDADE FEMININA



freqüentemente as pessoas lhes dizem que elas estão 'fazendo uma coisa errada' ou 'cometendo um grande erro'. A cultura ocidental — machista e ortodoxa — contribui para o sentimento, comum à maioria, de que estão tendo "pensamentos e desejos errados". Além disso, o período que antecede à aceitação da própria sexualidade costuma ser "cheio de dúvidas e de uma sensação de solidão, causada pelo fracasso na tentativa de 'se enquadrar' nas 'normas' heterossexuais". Ainda que 94% das mulheres que assumiram uma opção homo ou bissexual manifestem "entusiasmo e orgulho", 46% das lésbicas preferem manter suas preferências em segredo. A sombra que as assusta vem dos rótulos sociais. Enquanto 11% expressam uma sensação de liberdade em relação à mudança em sua orientação sexual/romântica, outras não aceitam ser qualificadas de um modo ou outro; 12% das mulheres, entre os 20 e os 30 anos, que não se consideram lésbicas, experimentaram o lesbianismo; e 6%

das garotas que não são lésbicas expressam mais tarde afeição física e sentimentos sexuais por outras garotas, na escola primária e secundária (mas, ao contrário dos rapazes, homossexuais ou não, que freqüentemente tiveram sexo com outros durante a escola secundária — em torno de 1/3, segundo estudos —, a maioria das garotas na escola secundária e antes dela não tem relação sexual com outras garotas). Uma das descobertas mais surpreendentes da pesquisa foi o grande número de mulheres divorciadas, de meia-idade, que estão tendo relacionamentos amorosos com pessoas do mesmo sexo, o que representa uma clara diferença em relação a estatísticas anteriores — 24% das lésbicas entrevistadas tiveram seus primeiros relacionamentos homossexuais depois dos 40 anos. Ainda segundo o estudo de Hite, o que 86% das mulheres mais apreciam nestas relações amorosas é conversar "freqüentemente e de forma carinhosa".

**Shere Hite entrevistou 4,5 mil mulheres para concluir que quase todas as que experimentaram um comportamento bissexual sentem-se bem.**

# “O BRASILEIRO GENITALIZA A SEXUALIDADE, COMO SE OUTRA FORMA DE EXPRESSÃO NÃO EXISTISSE”

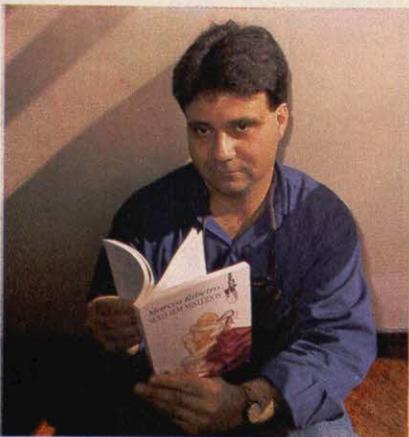
**Gabriela Silva Leite diz que a maioria dos homens transa o mesmo sexo. E Marcos Ribeiro acha que a desinformação deforma a vida sexual das pessoas.**

Ele concorda em número, gênero e grau com Parker, e afirma categoricamente: “O homem brasileiro é eminentemente bissexual. Ele genitaliza a sexualidade, reduz ao pênis, como se outra forma de expressão não existisse. A partir daí, podendo penetrar e gozar, não importa muito o sexo.” Para Marcos, na relação bissexual, os dois parceiros estão exercendo sua homossexualidade, mas o *ativo* não se considera como tal. “É sempre o outro, o *passivo*, que é desprezado, e isso é uma loucura”, diz.

A culpa dessa distorção, segundo ele — que já recebeu mais de 13 mil cartas, desde que come-



Alvaro Lemos



Leandro Pimentel

çou a escrever sobre o assunto em um jornal do Rio de Janeiro e a falar em rádios —, é da formação judaico-cristã típica da sociedade brasileira, que condena os comportamentos desviados do *normal*: homem-mulher, penetração pênis-vagina, com fins reprodutivos. “Tudo o que transgride é visto de lado, não se pode viver a sexualidade de maneira prazerosa”, lamenta. O sexólogo aponta ainda três fatores que deformam a vida emocional/sexual das pessoas: “A desinformação primária, os mitos que advêm dela — como as velhas histórias sobre a importância do tamanho do pênis, por exemplo — e a reprodução dos estereótipos sociais, como a divisão dos papéis sexuais.”

Marcos Ribeiro tem ainda uma teoria para tentar explicar a procura pelos travestis: “Transar com outro homem, admitir que é homossexual, é doloroso. Com um travesti é menos conflitante — é uma mulher com pênis —, mais confortável para o inconsciente”, arrisca.

MARCELO SIQUEIRA CAMPOS

## RICHARD PARKER: O CAÇADOR DE BISSEXUAIS



Alvaro Lemos

Quando desembarcou no Brasil, em 1982, o antropólogo americano Richard G. Parker, 35 anos, pretendia seguir a trilha de seus pares acadêmicos e estudar uma das manifestações da cultura popular nativa mais interessantes, do ponto de vista científico: o carnaval. Com o decorrer de sua pesquisa, no entanto, o objeto inicial de estudo acabou relegado a um simples capítulo de seu livro — *Corpos, Prazeres e*

*Paixões*, da Editora Best Seller —, lançado nove anos mais tarde. O que virou a cabeça de Richard, que recusa terminantemente o título de *brasilianista*, foi a “cultura sexual” brasileira, ou o que ele qualifica de “gramática da sexualidade”.

Doutor pela Universidade da Califórnia, Richard ficou impressionado com o papel da sexualidade nas manifestações culturais carnavalescas — os valores, ideologias e representações — e pela maneira como a cultura constrói a vida sexual, as regras do jogo amoroso. “A sexualidade que a gente vive aqui é bem diferente da vivida na França, na África ou na Nova Guiné”, diz, num português fluente, antes de ressaltar que a ênfase de seu estudo foi na vida urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo, e que não é possível garantir 100% de acertos nas conclusões, “porque o Brasil é imenso e diverso”.

Em sua terra natal, os Estados Unidos, ele identifica a sexualidade/sen-

sualidade como uma expressão da personalidade individual, maior ou menor em cada pessoa. Aqui também, mas ela é suplantada pelo mito da “brasilidade”, da “mistura de três raças” — branca, negra e índia —, que teria gerado um povo mais quente e sensual. Essa imagem tropicalista, segundo ele, vem de longe na história do país, manifesta de várias maneiras, como na música, mas que nem sempre se traduz na prática. “Existe uma linha de pensamento muito conservadora, moralista e machista, presente no discurso da Igreja, que estigmatiza as formas de vivência sexual menos ortodoxas. Ao mesmo tempo, há uma valorização da diversidade e uma tolerância com os desvios menos aceitáveis, desde que não chamem atenção indevidamente.” É a velha política de que “tudo pode acontecer entre quatro paredes”.

Essa separação entre os espaços “público” e “privado” é uma das particularidades brasileiras que o antropólogo acha mais interessante: “Nos Estados Unidos, o comportamento privado tem que ser coerente com o comportamento público. Se os jornais descobrem que um político tem uma amante, isso pode acabar com sua carreira. Aqui, desde que tudo seja feito com discrição, a sociedade não liga muito”, explica, citando o romance entre os ex-ministros Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Mello. Uma contradição, segundo ele, made in Brazil.

O machismo é outro traço marcante de nossa cultura sexual, garante, uma característica que se estende aos países latino-americanos de forma geral. A imagem enraizada no modo de pensar da população é a de que o homem é ativo, dominante, agressivo, enquanto à mulher resta o papel de passiva, dominada e submissa. Quem ousa desviar-se dessa hierarquia sexual é logo desvalorizado e rotulado — prostituta,

como, bicha ou sapatão. Ainda segundo essa lógica cultural, o ativo, mesmo numa relação homossexual, tende a não questionar sua masculinidade. “Não é tanto a escolha do objeto sexual; o que mais importa é o papel desempenhado na relação”, resume.

Morando no Brasil desde 1988, Richard Parker é atualmente professor de antropologia do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), diretor da Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS (Abia) e vive na ponte aérea entre o Rio e Brasília, como coordenador da área de prevenção do Programa Nacional de doenças sexualmente transmissíveis (DST/AIDS) do Ministério da Saúde.

Além do livro *Corpos, Prazeres e Paixões*, também publicado em inglês, ele é autor, em parceria com o falecido escritor Herbert Daniel, de *AIDS, a Terceira Epidemia — Ensaios e Tentativas*, pela Editora Iglu, e da tese *Sexo Entre Homens: AIDS Awareness and Sexual Behavior Among Homosexual and Bisexual Men in Rio de Janeiro, Brazil*, de 1991, defendida no IMS/UERJ. No ano que vem, Richard pretende lançar uma nova coletânea de artigos, escritos também com Herbert Daniel, chamado *Sexuality, Politics and AIDS in Brazil* (Sexualidade, Política e AIDS no Brasil).

Enquanto isso, ele se dedica à coleta de dados sobre o crescimento da AIDS no Brasil, baseada em reportagens sobre o aparecimento de sintomas da doença. Hoje, segundo o antropólogo, o país possui cerca de 25 mil casos notificados, o que permite calcular aproximadamente — devido ao tempo médio do surgimento da doença, que é de até dez anos — qual era o quadro há mais ou menos uma década.

M. S. C.

